

Ufanismo e repressão, indústria cultural e contracultura

*Derepente é aquela corrente pra frente,
parece que todo o Brasil deu a mão.
Todos ligados na mesma emoção,
tudo é um só coração.*

Abertura

Essa marchinha comemorava euforicamente o tricampeonato mundial de futebol conquistado pelo Brasil em 1970. A década começava com uma verdadeira onda de ufanismo que iria louvar o “milagre brasileiro” do crescimento econômico e da modernização.

Mas será que o Brasil estava mesmo todo de mãos dadas, batendo num só coração?

Não. Havia também os que estavam presos, perseguidos, ou que deixaram o país porque aqui não havia liberdade de expressão.

Vamos ver, nesta aula, o que as pessoas conseguiram “dizer” nesses anos que começaram sob a sombra do AI-5 e se encerraram com a esperança trazida pela anistia.



O império da censura

Movimento

O início da década de 1970 foi um momento de forte repressão política e endurecimento do regime militar. De um lado, a guerrilha rural e urbana, os seqüestros, os assaltos a bancos para obter fundos para os movimentos revolucionários; de outro, as prisões, a tortura, a morte e o exílio.

Grande parte dos intelectuais e artistas foi obrigada a abandonar o país. Passaram temporadas mais ou menos longas no exterior Oscar Niemeyer, Augusto Boal, Darcy Ribeiro, Glauber Rocha, Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Paulo Freire... Foram os “anos de chumbo” de que falamos na Aula 36.

Você deve estar lembrado de como, no início da década de 1960, era forte a idéia de engajamento, e eram numerosas as manifestações de uma arte participante. Agora, a situação era outra.

Fortalecida pelo AI-5, a censura dificultava o exercício da vida cultural e política. Eram proibidos livros, peças de teatro, canções que defendessem idéias diferentes daquelas do regime militar. A apresentação do balé Bolshoi na televisão brasileira chegou a ser proibida porque o grupo era russo...

Talvez você conheça uma música de Chico Buarque de Holanda que diz:

*Acorda, amor.
Eu tive um pesadelo agora:
Sonhei que tinha gente lá fora,
Batendo no portão,
Que aflição!
Era a “dura”,
Numa muito escura viatura.
Minha nossa, santa criatura!
Chame, clame, chame, chame o ladrão, chame o ladrão!*

Chico Buarque mostra o medo que reinava dentro de cada um. A vida era vivida como um pesadelo, no qual o cidadão apavorado acabava pedindo socorro ao ladrão em vez de pedir à polícia. Era uma maneira bem-humorada de expressar uma situação política cada vez mais tensa. Mas, sobretudo, era uma forma inteligente de driblar a censura.

Buscando caminhos

Entre os extremos da marchinha ufanista e do drible à censura, o que aconteceu com a cultura brasileira nos anos 70? Houve quem falasse em **vazio cultural**. Realmente, não era mais possível identificar movimentos coerentes e com programas mais ou menos definidos, do tipo arte engajada, Tropicalismo e assim por diante. Mas isso não quer dizer que vários caminhos não estivessem sendo tentados.

Um desses caminhos foi o do investimento na **indústria cultural**, destinada a atingir o grande público e a criar um mercado de consumidores. Para alcançar esse objetivo, nada melhor que a televisão!

A **estética do subdesenvolvimento**, que marcara os anos 60, foi cedendo o lugar à magia visual da televisão. Sobretudo a partir de 1973, com a introdução da televisão em cores e a incorporação de uma tecnologia avançada, a TV Globo firmou o “padrão Globo de qualidade”, que iria se difundir por todo o país por meio de uma rede de integração nacional. Vem dos anos 70 o sucesso do *Jornal Nacional*, do *Fantástico*, das telenovelas...

A década assistiu igualmente ao crescimento das gravadoras, das rádios, das editoras. O cinema também procurava entrar na era industrial e conquistar o público habituado às produções estrangeiras.

Muitos filmes importantes foram feitos com financiamento estatal por meio da Embrafilme, criada em 1975. *Dona Flor e seus dois maridos*, adaptação do romance de Jorge Amado dirigida pelo jovem cineasta Bruno Barreto, foi um sucesso de bilheteria e alcançou repercussão internacional.

Mas houve ainda outros caminhos. Houve aqueles que preferiram manifestações mais “artesanais”, mais “fora do sistema”, mais individuais.

Você está lembrado de que, na aula anterior, falamos no movimento *hippie* do final dos anos 60? Tendo se originado na mesma época, chegou aos anos 70 um movimento chamado de **contracultura**. Aqui no Brasil, como nos outros países, a contracultura procurava se opor à cultura oficial, valorizando aquelas manifestações que eram consideradas **marginais**. Foi sobretudo no teatro que a contracultura encontrou seu meio de expressão.

Em 1969, na virada da década, a produtora paulista Ruth Escobar montou *Cemitério de automóveis*, de Fernando Arrabal. Era uma peça surrealista e anárquica. No ano seguinte, foi a vez de *O balcão*, de Jean Genet, de grande impacto visual.



Cena da peça *teatral Macunaíma*, dirigida por Antunes Filho.

Enquanto isso, o Grupo Oficina encenava *Na selva das cidades*, de Brecht, questionando o sistema social e cultural vigente. A radicalização chegaria ao máximo com a montagem seguinte, da peça *Gracias Señor*, criação coletiva do grupo que conclamava a platéia à libertação do corpo e da mente. No Rio de Janeiro, a peça *Hoje é dia de rock*, de José Vicente, propunha a utopia e a liberdade individual.

Novos grupos iriam surgir ao longo da década, como o Asdrúbal Trouxe o Trombone, de 1975. Sua montagem de *Trate-me leão* falava dos caminhos e descaminhos da juventude.

Na literatura, os anos 70 foram a época dos poetas “marginais” e seus livrinhos mimeografados vendidos nas portas dos cinemas, dos teatros, nas mesas de bar. Torquato Neto, Wally Salomão, Chacal, Cacaso, Paulo Leminski e outros juntaram seus versos aos dos poetas mais velhos, que continuavam a produzir.

As memórias foram outro gênero que floresceu na época, a começar pelo *Baú de ossos* (1972), de Pedro Nava, até *O que é isso, companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira, que voltava do exílio e abria um filão de relatos da experiência da guerrilha.

Um outro traço característico da época foi a explosão da chamada **imprensa nanica**, em contraposição à grande imprensa. A marca dessas publicações era a irreverência, o humor e sátira de costumes.

O que se pode perceber de tudo isso é que a **revolução dos costumes** que começara nos anos 60 prosseguiu. Ela modificava os valores e a forma de pensar, sentir e viver.



Capas de publicações alternativas.

Últimas palavras

Por 21 anos, os militares estiveram no controle direto da política nacional. O Brasil de 1985 era muito diferente do de 1964. É verdade que houve um significativo desenvolvimento da infra-estrutura econômica nacional, fato sempre destacado pelos defensores do regime militar.

No entanto, a economia brasileira em 1985 apresentava problemas graves. Após duas décadas, a distribuição de renda no país havia piorado, aumentando o fosso entre os mais ricos e os mais pobres. Além disso, o país chegou ao final do regime militar com inflação em alta, aumento do desemprego e uma dívida externa recorde.

Além dos problemas na área econômica, a falta de democracia e a violenta repressão exercida contra todos aqueles que se opuseram ao regime militar desorganizaram a vida política do país. Deixaram feridas difíceis de cicatrizar na memória nacional.

Superar esse legado tornou-se o grande desafio para a nascente democracia brasileira. Ela teria de aprender a lidar com as diferenças, com os direitos civis, com a liberdade. Uma nova Constituição seria escrita. E, nela, teríamos de incluir a sociedade brasileira em todas as suas distinções, em toda a sua riqueza e variedade. É por onde passaremos no último ponto de nossa viagem.

Exercícios

Exercício 1

Caracterize a indústria cultural dos anos 70 no Brasil.

Exercício 2

Identifique características básicas da “contracultura”.

